ISSN: 2358-8829

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: MASCULINIDADE TÓXICA NA ADOLESCÊNCIA EM ANÁLISE AUDIOVISUAL E REVISÃO DE LITERATURA

Acíria Nazaré Leite Sá [1]
Saymon D' Lucas Soares Rodrigues [2]

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui uma etapa marcada por transformações físicas, sociais e subjetivas, na qual diferentes sentidos sobre gênero e masculinidade são construídos nas relações familiares, escolares, entre pares e nos espaços digitais (Brasilino; Gueiros, 2025). Nesse contexto, as masculinidades não são naturais ou universais, mas construções sociais atravessadas por relações de poder (Connell, 2016).

A masculinidade hegemônica, ao valorizar atributos como força, autoridade, virilidade e controle emocional, pode contribuir para a naturalização de práticas associadas à chamada masculinidade tóxica, como agressividade, misoginia e repressão das emoções (Souza; Rodrigues; Ferreira, 2023; Henrique; Silva, 2025).

As plataformas digitais também participam desse processo ao ampliar a circulação de discursos sobre gênero e masculinidade. Entre esses espaços, destacam-se comunidades vinculadas à chamada "manosfera", incluindo grupos *incel*, nos quais podem circular discursos de ressentimento, misoginia e rejeição às normas tradicionais de relacionamento (Amato; Miguel, 2023). Assim, compreender a construção das masculinidades na adolescência exige considerar tanto os espaços presenciais de socialização quanto as experiências mediadas pelas tecnologias digitais.

Nesse cenário, a série *Adolescência*, da Netflix, apresenta-se como um objeto audiovisual relevante para discutir juventude, masculinidade, violência e influência das comunidades digitais. A produção permite problematizar como determinados discursos e comportamentos masculinos são representados na adolescência e relacioná-los às discussões presentes na literatura científica recente.

Este estudo, portanto, teve como objetivo analisar a representação da masculinidade tóxica na adolescência na série *Adolescência*, articulando a análise

[1] Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, aciria.sa@gmail.com;
[2] Mestrando Profissional em Processos e Tecnologias Educacionais pela Universidade Estadual do Maranhão - UF, saymonsouer@gmail.com;

audiovisual à literatura científica recente sobre masculinidades, adolescência, cultura digital e comunidades incel.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e descritiva, articulando revisão de literatura e análise audiovisual. A abordagem qualitativa possibilita compreender discursos, representações e significados relacionados às masculinidades na adolescência, considerando sua construção histórica, social e cultural (Minayo, 2015).

A revisão de literatura foi realizada mediante buscas em bases e periódicos científicos, priorizando publicações em língua portuguesa, entre 2021 e 2026, que abordassem masculinidades, masculinidade hegemônica e/ou tóxica, adolescência, violência de gênero, escola, cultura digital e representações midiáticas. Essa etapa permitiu identificar aproximações, recorrências e lacunas na produção científica sobre a temática (Gil, 2022).

Na segunda etapa, realizou-se a análise audiovisual da série *Adolescência* (*Adolescence*), distribuída pela Netflix (Figura 1), selecionada por apresentar questões relacionadas à adolescência, masculinidades, relações entre pares, violência e influência das redes sociais. Foram observados sistematicamente os episódios, considerando diálogos, comportamentos, relações de poder e elementos narrativos associados às representações das masculinidades.

Figura 1. Trechos da série *Adolescência*.



Fonte. Netflix Brasil (2026).

A interpretação do material foi orientada pela análise de conteúdo de Bardin (2016), contemplando as etapas de pré-análise, exploração do material e interpretação.

A discussão fundamentou-se, ainda, nas contribuições de Connell e Messerschmidt (2013) sobre masculinidade hegemônica e nos estudos identificados na revisão. A análise foi organizada em categorias temáticas: construção da masculinidade na adolescência; pressão entre pares; repressão emocional; violência e relações de poder; sexualidade e homofobia; influência das redes sociais; e aproximações entre ficção e realidade.

Assim, buscou-se compreender como discursos e práticas relacionados às masculinidades são representados na narrativa e como dialogam, tensionam ou se aproximam dos fenômenos discutidos pela literatura científica. Por utilizar exclusivamente uma produção audiovisual de acesso público e estudos científicos, sem participação direta de seres humanos ou coleta de dados pessoais, não houve intervenção com participantes, sendo observados os princípios de integridade acadêmica e uso ético das fontes.

REFERENCIAL TEÓRICO

As masculinidades são construídas social e culturalmente, sendo influenciadas pelos contextos históricos e pelas relações sociais. Carvalho (2020) destaca que a ausência de discussões críticas pode favorecer a naturalização de padrões que associam o "ser homem" à força, dominação e violência. Nessa perspectiva, Castro (2018) aponta que concepções binárias e normativas tendem a definir masculinidades e feminilidades como opostas e fixas, marginalizando aqueles que não correspondem às expectativas de gênero.

Esse debate relaciona-se ao conceito de masculinidade hegemônica, proposto por Connell e Messerschmidt (2013), que evidencia como determinadas práticas masculinas são socialmente legitimadas e contribuem para hierarquias de gênero. Entretanto, as masculinidades são plurais, dinâmicas e atravessadas por marcadores como raça, classe, sexualidade e geração. Na adolescência, essas construções ganham relevância diante da busca por pertencimento e reconhecimento. Família, escola, pares, mídia e ambientes digitais participam desse processo, podendo reforçar ou tensionar normas relacionadas à virilidade, força e controle emocional (Brasilino; Gueiros, 2025).

Nesse contexto, a expressão masculinidade tóxica permite problematizar práticas associadas à agressividade, dominação, repressão emocional e desvalorização do feminino. Henrique e Silva (2025) evidenciam que adolescentes podem tanto reproduzir

quanto questionar essas normas. Butler (2003) contribui ao discutir a produção normativa das identidades de gênero e sexualidade, enquanto Louro (2000) destaca a escola como espaço de reprodução e também de problematização dessas normas.

A cultura digital amplia esse processo ao favorecer a circulação de discursos e representações sobre o que significa "ser homem", incluindo conteúdos que reforçam ou questionam padrões de masculinidade. Nesse cenário, produções audiovisuais constituem importantes espaços de representação, pois selecionam personagens, conflitos e comportamentos, produzindo sentidos sobre as experiências juvenis. Assim, a série *Adolescência* pode ser analisada não como reprodução fiel da realidade, mas como uma construção narrativa que dialoga com questões sociais contemporâneas.

Desse modo, a articulação entre masculinidade, adolescência, cultura digital e representação audiovisual permite compreender a masculinidade tóxica como resultado de processos de socialização e relações de poder, e não como uma característica natural dos adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da série *Adolescência*, articulada à revisão de literatura, possibilitou organizar os achados em quatro categorias analíticas: (1) construção da masculinidade na adolescência; (2) pressão dos pares e pertencimento; (3) repressão emocional e violência; e (4) cultura digital e reprodução de discursos de gênero. A sistematização dos dados evidencia que a masculinidade tóxica não pode ser compreendida como característica natural dos adolescentes, mas como resultado de processos de socialização, normas de gênero e relações de poder.

Na primeira categoria, construção da masculinidade na adolescência, foram identificadas representações associadas à necessidade de demonstrar força, virilidade, controle e reconhecimento perante os demais. Esses elementos aproximam-se das discussões de Connell e Messerschmidt (2013) sobre masculinidade hegemônica, compreendida como uma configuração de práticas que, em determinados contextos, ocupa posição de legitimidade e contribui para a manutenção de hierarquias de gênero.

Assim, Carvalho (2020) também contribui para essa interpretação ao problematizar a naturalização de comportamentos associados ao masculino, especialmente quando força, dominação e violência passam a ser compreendidas como características esperadas dos homens. Entretanto, os achados não indicam a existência

de uma masculinidade única, uma vez que diferentes formas de vivenciar o masculino podem coexistir, entrar em conflito e ser ressignificadas.

Na segunda categoria, pressão dos pares e pertencimento, revelou a importância das relações entre adolescentes na validação de determinados comportamentos e formas de expressão. A busca por aceitação pode levar os sujeitos a adequar suas atitudes às expectativas do grupo, sobretudo quando determinadas performances de masculinidade são valorizadas socialmente. Essa dinâmica dialoga com Brasilino e Gueiros (2025), que identificaram entre jovens estudantes a presença de expectativas relacionadas à virilidade e à resistência emocional, acompanhadas, entretanto, por tensões e possibilidades de questionamento.

Segundo Castro (2018) compreende esse processo a partir da crítica às concepções binárias e normativas de gênero, nas quais determinadas formas de ser homem são valorizadas enquanto outras podem ser consideradas inadequadas ou desviantes. Assim, o grupo de pares aparece simultaneamente como espaço de reprodução e de disputa dessas normas.

Na terceira categoria, repressão emocional e violência, os achados apontaram para a associação entre determinadas expectativas de masculinidade e a dificuldade de expressar medo, insegurança, tristeza ou vulnerabilidade. A exigência de demonstrar controle e força pode limitar possibilidades de expressão emocional e favorecer respostas agressivas diante de situações de conflito.

Butler (2003) permite compreender que as identidades de gênero são atravessadas por normas sociais que definem quais comportamentos são considerados inteligíveis e aceitáveis. A violência, portanto, não deve ser interpretada como atributo inerente ao masculino, mas como uma possibilidade produzida em contextos nos quais determinados padrões de poder e dominação são legitimados.

Ainda nessa perspectiva, Louro (2000) possibilita ampliar a análise ao considerar que diferentes espaços sociais participam da produção e repetição das normas de gênero e sexualidade. A escola, a família, os grupos de pares e os meios de comunicação podem contribuir tanto para a reprodução dessas expectativas quanto para sua problematização. Dessa forma, os resultados apontam para a necessidade de compreender o comportamento adolescente dentro de uma rede mais ampla de relações, evitando responsabilizar individualmente os jovens por processos que são também sociais e culturais.

A quarta categoria, cultura digital e reprodução de discursos de gênero, evidenciou a relevância dos ambientes virtuais na circulação de representações sobre masculinidade. As redes sociais possibilitam o contato com diferentes discursos sobre o que significa "ser homem", incluindo conteúdos que reforçam padrões de virilidade, dominação e superioridade, mas também perspectivas que questionam essas normas.

Essa dimensão é particularmente significativa na adolescência, período em que as relações de pertencimento e reconhecimento possuem papel importante na constituição das identidades. A cultura digital, portanto, não deve ser compreendida exclusivamente como responsável pela reprodução da masculinidade tóxica, mas como um espaço no qual diferentes discursos são produzidos, compartilhados, disputados e ressignificados.

A análise da produção audiovisual também permitiu observar que a masculinidade é construída narrativamente por meio de personagens, conflitos, relações e escolhas discursivas. Nesse sentido, a série *Adolescência* não constitui um retrato neutro do cotidiano juvenil, mas uma produção cultural que seleciona determinados acontecimentos e os organiza para produzir sentidos sobre adolescência, masculinidade, violência e pertencimento.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de Connell e Messerschmidt (2013), ao permitir observar como práticas masculinas são valorizadas ou questionadas em relações específicas, e de Louro (2000), ao considerar que representações culturais também participam da produção de sentidos sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades.

A aproximação entre os resultados da análise audiovisual e os estudos revisados evidencia, portanto, convergências entre ficção e realidade sem estabelecer uma equivalência entre elas. Os estudos de Carvalho (2020), Connell e Messerschmidt (2013), Brasilino e Gueiros (2025) e Henrique e Silva (2025) ajudam a interpretar os comportamentos e conflitos representados na série a partir de processos sociais mais amplos. Ao mesmo tempo, Butler (2003), Castro (2018) e Louro (2000) permitem compreender que tais comportamentos estão relacionados à produção normativa das identidades e às relações de poder que atravessam diferentes espaços sociais.

Desse modo, os resultados indicam que a masculinidade tóxica na adolescência deve ser compreendida como um fenômeno socialmente produzido, relacional e passível de transformação. A análise demonstra que força, controle emocional, virilidade e

agressividade não constituem atributos naturais dos adolescentes, mas expectativas que podem ser incorporadas, reproduzidas, negociadas ou recusadas. A principal contribuição do estudo está, assim, em aproximar a representação audiovisual da produção científica para problematizar como determinadas normas de masculinidade são construídas e quais possibilidades existem para sua desconstrução, especialmente em espaços educativos e nas relações juvenis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou compreender a masculinidade tóxica na adolescência como uma construção social atravessada por relações de gênero, pertencimento, cultura digital e relações de poder. A análise da série *Adolescência*, articulada à revisão de literatura, evidenciou que expectativas relacionadas à força, virilidade, controle emocional e reconhecimento social podem influenciar as experiências juvenis, mas não determinam de forma absoluta suas condutas.

Os resultados também permitiram perceber que a cultura digital e as relações entre pares ocupam papel significativo na circulação e legitimação de discursos sobre o masculino. Nesse processo, comportamentos associados à agressividade, à repressão das emoções e à dominação podem ser naturalizados, conforme discutido por Carvalho (2020), Brasilino e Gueiros (2025) e Henrique e Silva (2025). Entretanto, a análise também aponta possibilidades de resistência a essas normas, reforçando a compreensão de que adolescentes são sujeitos capazes de ressignificar os modelos de masculinidade aos quais são expostos.

A articulação entre ficção e realidade mostrou-se relevante por possibilitar um olhar crítico sobre questões presentes no cotidiano juvenil sem estabelecer uma relação de equivalência entre a narrativa audiovisual e a realidade social. A série *Adolescência* constitui uma representação construída, mas permite problematizar fenômenos discutidos pela literatura científica, especialmente aqueles relacionados às normas de gênero, sexualidade, pertencimento e violência.

Do ponto de vista científico e social, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre masculinidades na adolescência e para reforçar a importância de práticas educativas que promovam diálogo, respeito à diversidade, expressão emocional e reflexão crítica sobre relações de gênero. A escola pode constituir um espaço privilegiado para esse processo, não apenas enfrentando manifestações de violência e

discriminação, mas criando condições para que os jovens questionem modelos restritivos de masculinidade e construam formas mais plurais de vivenciar suas identidades e relações.

Reconhece-se a necessidade de ampliar as investigações sobre masculinidades juvenis, especialmente diante das transformações provocadas pelas redes sociais, comunidades digitais e novas formas de interação entre adolescentes. Pesquisas futuras podem analisar diferentes contextos escolares, grupos juvenis e plataformas digitais, bem como investigar estratégias pedagógicas voltadas à prevenção da violência e à desconstrução de padrões de masculinidade prejudiciais. Dessa forma, o estudo não encerra o debate, mas contribui para fortalecê-lo, indicando a necessidade de pesquisas e ações educativas comprometidas com relações sociais mais democráticas, inclusivas e livres de violência.

Palavras-chave: Masculinidade Tóxica, Adolescência, Redes Sociais, Cultura Digital, Misoginia.

REFERÊNCIAS

AMATO, Bruna; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. De Matrix a Suzano: manosfera, teoria red pill e o massacre da escola Raul Brasil. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 7, n. 22, 2024. DOI: 10.29327/2410051.7.22-33.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASILINO, Jullyane Chagas Barboza; GUEIROS, Jorge Edielson Costa. Masculinidades e processos de subjetivação: sentidos (co)produzidos por jovens estudantes do Agreste Pernambucano. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 7, n. 3, p. 1-23, 2025. DOI: 10.56579/rei.v7i3.2044.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Aline Paixão Miranda. Espaço de meninos: reflexões sobre a construção das masculinidades por adolescentes de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. **Revista Crítica Histórica**, v. 11, n. 22, p. 153-169, 2022.

CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender-Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação.** No 20, jul./dez., p.75-82, 2018.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais.** São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. DOI: 10.1590/S0104-026X2013000100014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

HENRIQUE, Eduardo dos Santos; SILVA, Gabriela da. Masculinidade tóxica em concepções de estudantes homens do Ensino Médio: uma prática pedagógica. **Diversidade e Educação**, v. 13, n. 2, p. 755-778, 2025. DOI: 10.63595/dedu.v13i2.20069.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Daniel Cerdeira de; RODRIGUES, Ingrid Mesquita; FERREIRA, Fernanda Sousa. Masculinidades na escola: revisão integrativa da literatura. **Colloquium Humanarum**, v. 20, n. 1, p. 287-310, 2023. DOI: 10.5747/ch.2022.v19.h563.